



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **TRAMAS DISCURSIVAS E DEVIRES DA SEXUALIDADE EM ANTÔNIA CUDEFACHO**

Regiane Farias Neves

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura/UFPA – E-mail [regianeves@yahoo.com.br](mailto:regianeves@yahoo.com.br)

Gilcilene Dias da Costa

Docente do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura/UFPA – E-mail [costagilcilene@gmail.com](mailto:costagilcilene@gmail.com)

**Resumo:** Este estudo constitui um recorte da Pesquisa de Mestrado intitulada *Tramas da sexualidade em Antônia Cudefacho: educação, micropolíticas e resistências*, a qual analisou a trajetória de Antônia Cudefacho, mulher prostituta e personagem-sujeito cametaense da década de 1950, inscrita e ficcionalizada na narrativa literária *Antônia Cudefacho* do escritor Salomão Larêdo. As construções discursivas da sexualidade e as narrativas literárias predisõem-se dentro da abordagem arqueogenealógica foucaltiana e estabelecem um diálogo entre os estudos da história da sexualidade e o campo feminista, pós-feminista e teoria *queer*. A partir disso, buscou-se problematizar os cenários discursivos, sociais e literários que enredaram as tramas de Antônia Cudefacho, em meio às micropolíticas de poder e resistência que instituem valores, modos de vida e de educação inerentes ao município de Cameté-PA e à sociedade em geral. Buscou-se, por um lado, analisar os enunciados de gênero que reverberam dessas tramas da sexualidade e das micropolíticas através dos tempos passado-presente e sua participação na construção de valores morais e modos de educação frente à sexualidade vista como desviante e, de outro, pensar os modos como o sujeito da sexualidade se constitui em meio a essas teias e movimentos do devir. O procedimento de análise mostra que essas tramas aparecem enviesadas nas micropolíticas de poder e resistência que configuraram os valores morais e as normas hegemônicas instituídas na sociedade cametaense de sua época, constituídas por normas, tabus, rótulos, exclusões, mas também, devires, resistências, transgressões que atravessam a temporalidade presente e nos levam a pensar a sexualidade feminina por outras perspectivas.

**Palavras-chave:** Sexualidade feminina; Educação; Micropolíticas; Devir; Antônia Cudefacho.

### **1. Movimentos Preliminares**

Este estudo partiu inicialmente da inquietação proveniente da leitura de uma obra literária intitulada *Antônia Cudefacho*. O enredo da narrativa discorre por temas inerentes ao modo de vivenciar a sexualidade de uma mulher prostituta cametaense que viveu no município de Cameté-PA ao longo da primeira metade do século XX.

Diante da irreverência com que esta mulher conduziu a sua vida em meio a uma sociedade conservadora, Salomão Larêdo, autor da obra, ficcionalizou sua história de vida e publicou-a em 2006. Seu conteúdo está impregnado de abordagens de cunho social, político e cultural que permitiram-nos tecer uma construção discursiva que pudesse levar-nos a pensar a educação feminina sendo capazes de intercruzá-la



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Educação de Crianças

aos modos de uma educação do passado às micropolíticas e resistências que enredam o corpo e a sexualidade na atualidade.

Com isso, buscamos problematizar como se constroem os cenários discursivos que envolvem a sexualidade? Que enunciados se pode extrair dos ocorridos na história de Antônia Cudéfacho e como eles reverberam no tempo atual? Que participação a educação e os valores morais da época desempenharam (e ainda desempenham) na construção discursiva da sexualidade vista como desviante ou transgressora frente aos valores morais socialmente instituídos? Como problematizar a história de Antônia Cudéfacho em relação às redes de poder, aos valores, à sexualidade e à educação de um tempo passado, correlacionando-a ao nosso tempo atual?

Pensando nesse encadeamento de questões, buscamos vislumbrá-la a partir da concepção teórico-metodológica que envolve a arqueogenealogia foucaultiana, sendo que esta constitui uma das possíveis formas empenhar tal discussão.

Foucault (2014) desafia-nos a operar por meio de um “procedimento” que se instaura para promover a insurreição das micropolíticas. É nessa perspectiva que procuramos, a partir desses vestígios pulverizados na história, dar visibilidade às presenças

insurretas, fomentar outras imagens a partir do contra discurso, de modo a tornar esses sujeitos e essas tramas protagonistas da cena e da sociedade cametaense por intermédio desta pesquisa para não mais deixá-los suscetíveis aos persistentes procedimentos de interdição ou exclusão.

Dentro da perspectiva foucaultiana da arqueogenealogia, visamos criar um *procedimento de visibilidade* das margens por meio de suas insurreições e vias capilares. Contrário à movimentação de exclusão, este procedimento discursivo arqueogenealógico opera por exercícios de problematização dos discursos da interdição e exclusão, trazendo ao protagonismo da cena discursiva os próprios sujeitos que enredam as tramas de sexualidade no cenário local estudado a partir da narrativa-base de interlocutores.

A pesquisa contou com a colaboração de treze interlocutores que por meio de suas memórias acerca das vivências desta personagem-sujeito nos auxiliaram a reconstituir o cenário sociocultural da época.

A combinação das narrativas literárias a das memórias dos sujeitos entrevistados possibilitou fazer emergir aspectos sociais relevantes à pesquisa da obra, uma vez que remetem à historiografia de sujeitos reais, de modo que as tramas



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

dessa narrativa não fossem marcadas tão somente no momento do ocorrido ou silenciadas pelos padrões conservadores de uma sociedade patriarcal como a cidade de Cametá-PA, mas, sim, que estes sujeitos de outrora e toda a vivência que percorrem dos meandros que constituem seus modos de viver deem vazão à uma análise sobre a educação, os valores e as práticas socioeducativas desta temporalidade e suas ambiguidades e contradições que se forjaram no meio político-social cametaense.

### **2. Elementos da educação feminina em Cametá**

Os modos como são conduzidos e pensados os elementos de uma educação incidem sobre o modelo de sociedade que vigora em cada período histórico. Sendo assim, os processos formativos de cunho formal ou informal, sistematizado ou religioso, familiar ou social contribuem decisivamente para isso. Rago (2008) e Del Priore (2011) apresentam-nos a educação feminina sendo permeada por tabus e proibições.

No contexto das décadas de 50 e 60 em Cametá, em pleno movimento da Ditadura Militar, predominava uma educação rígida e diferenciada entre os gêneros masculino e

feminino, pautada em valores cívicos e religiosos tradicionais e conservadores, sobretudo, no colégio religioso da cidade. O colégio cultivava a disciplina e a censura da mente e do corpo baseadas no rigor moral e no temor a Deus, cuja doutrinação era imprescindível para a formação da figura da mulher submissa e sem estereótipo.

Larêdo (2013) coletou relatos dentre os quais observamos que havia toda uma ideologia formativa que levava ao silenciamento e que sucessivamente pressupunha um lugar de negação desses sujeitos em detrimento das normas sociais estabelecidas, sobretudo, às moças da região e àqueles que se mantinham insubordinados a esses parâmetros.

Segundo esses relatos, a educação moral dos corpos ocorria do seguinte modo: a turma era dividida ao meio, de um lado sentavam as meninas e do outro sentavam os meninos. O momento do intervalo também era condicionado à censura. Os meninos usufruíam os primeiros quinze minutos, em seguida, as meninas, de forma alternada para que não tivessem contato nem mesmo nessa ocasião.

Algumas das moças estudantes residiam em regime de internato no colégio, descrito como “opressor com



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

censura e medo”, sistema que fora definido por elas, muitas vezes, por “retirar a identidade das pessoas” (LARÊDO, 2013, p. 280), uma vez que eram vigiadas de modo ferrenho e a transgressão às normas eram punidas severamente, o que levava algumas internas a pensar em suicídio.

Muitas das narrativas de memórias presentes no livro *Terra dos Romualdos: país dos maparás* demonstram o quanto a sexualidade era reprimida com aquele modelo de ensino, incitando um modelo de educação “panóptica” (FOUCAULT, 1999). Inclusive, segundo consta nessa obra, o próprio prefeito de Cameté na época, Nelson Parijós, posicionou-se contra a fundação do colégio, pois acreditava que a proposta de educação que se proporia a oferecer seria muito conservadora e, assim, seguia “alegando que as irmãs acabariam com a vida social – as moças não poderiam mais dançar na cidade e rechaçou a ideia” (LARÊDO, 2013, p. 234).

A fronteira entre os sexos não se dava apenas em caráter de demarcação espacial, mas também, diante de toda uma construção simbólica que atravessava a dualidade desse universo.

Reportando-se às épocas passadas, usar roupas curtas também tornava a mulher passível de suspeitas. Em Cameté da década de 50, uma

interlocutora de Larêdo afirma que “o maior cuidado que as meninas deviam ter era com o traje: não se podia usar saia curta, blusa de manga curta, decote e era terminantemente proibido usar calça comprida” (LARÊDO, 2013, p. 315). Uma demarcação de poder que se revelava muito latente, inclusive pelo teor simbólico que caracterizava os gêneros.

Os modos da educação em Cameté censuravam desde as vestimentas até o comportamento e o discurso empenhado acerca do saber sobre a sexualidade. Havia uma gama de construções discursivas ambíguas no tocante a questões da sexualidade e aos espaços que criavam uma divisória social entre os limites do pudor, posto que a mulher “honesta” era proibida de transitar pelos espaços considerados como zonas de prostituição, assim como em relação ao cotidiano do viver a prostituição, Larêdo evidencia em sua narrativa:

Muito cedo entendi qual era a profissão de minha mãe. Ninguém me disse ou explicou-me e isso mesmo não se explica. Existe. É. E pronto. Só. De palmo em cima eu via tudo, passiva! Em casa era a zona que todo mundo quer ver. (LARÊDO, 2006, p. 44).

Soma-se a isso o depoimento de Dona Ceci, ao evidenciar o “respeito” ou o temor que se detinha antigamente pelos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

mais velhos, pelas relações construídas e que evidenciavam os arranjos de dominação e sujeição. Inclusive, quando se tratava de não indagar sobre muitos assuntos, dúvidas ou questionamentos em torno dos quais eram construídas uma gama de fronteiras discursivas. Na proibição do falar, do expor as tramas envoltas sobre Antônia, Dona Ceci declara: – *“a gente não perguntava as coisas porque tinha muito respeito, mas eu entendia, eu já era grandinha”*. (Dona Ceci, abril de 2017).

O depoimento de dona Ceci junto ao trecho da narrativa de Larêdo também evidencia claramente sobre o pudor e o receio deliberado ao sexo e às tramas que circundam o seu entorno, pois o medo, o respeito e a obediência eram muito latentes e predominavam o todo das relações familiares, sobretudo, no que alude à condição de prostituição, a qual Antônia estava inscrita. Dona Ceci rememora que mesmo compreendendo os ofícios de Antônia não a questionava.

Havia um limite também dentro do discurso, da linguagem que cerceavam tais relações. As evidências falavam por si e o silêncio não se quebrava. Os discursos de sexualidade possuem determinações ideológicas e simbólicas que conduzem todas as práticas culturais da sociedade. Então, “se o sexo é

reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como um ar de transgressão deliberada”. (FOUCAULT, 2015, p. 11).

A sexualidade está submersa nas práticas humanas, por isso, precisa ser problematizada para ser compreendida e para que possamos compreender as próprias práticas sociais na sua complexidade. Foucault (2015, p. 27) esclarece-nos que é necessário “falar do sexo como uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se”. Gerir o sexo não significa cerceá-lo, mas colocá-lo na condição de um procedimento analítico-discursivo que opera entre os sujeitos, a ordem do discurso e as relações de poder que dela emanam, não como forças contrárias e adversas, mas que estão interconectadas e atuam individual e coletivamente na sociedade.

### 3. Sexualidade feminina e subversão

A sociedade de modo geral foi moldando a sexualidade feminina conforme os parâmetros normalizadores e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

enviesados de moral, pudores e tabus que acabaram cerceando a reprimindo a figura feminina. Foi assim que ao longo do tempo, tanto a educação familiar quanto a educação social foi cristalizando o perfil da mulher recatada e do lar.

Desde a infância, como corrobora Del Priore (2011) e Rago (2008), os espaços sociais iam sendo demarcados e os gêneros, separados conforme o que se esperava de cada um deles como atuação na sociedade. Com isso, vinha se fortalecendo a concepção binária estabelecida entre os gêneros e a potência do patriarcado ao ponto de determinar o futuro e a relações, especialmente, das mulheres, haja vista que estas não possuíam autonomia nem sobre si mesma nem sobre as suas vontades, nem sobre o seu corpo, cuja propriedade pertencia ao homem da família (pai, irmão, marido) Rago (2008) – também, por outro lado, esse modo de organização era conjugado a uma educação mais voltada à aquisição de valores que primavam pelo casamento e pela constituição familiar. E essa configuração também se instaurava ainda mais incisiva à concepção de pecado e, conseqüentemente, acentuava a formação e a disseminação dos discursos moralistas, especialmente, no que se referia à interdição feminina.

Diante disso, a sexualidade feminina foi cerceada e permeada de meandros e tabus, a fim de fortalecer cada vez mais o “dispositivo da aliança” (FOUCAULT, 2015, P. 115). Este dispositivo, por sua vez, define “o sistema de matrimônio, desenvolvimento dos parentescos, transmissão dos nomes e dos bens” e, por isso, está relacionado à economia devido promover a movimentação de riquezas entre os cônjuges.

O dispositivo da aliança concentra-se em um conjunto de “regras que define o permitido e o proibido” e preconiza “o vínculo entre parceiros com status definido” (p. 116), ou seja, o dispositivo da aliança utiliza-se desta estratégia de poder em exercício para ser aplicada sobre determinado grupo de sujeitos, tais como os casais formalmente concebidos. Conseqüentemente, por meio dessa estratégia, o sexo é mediado pelo casamento e está relacionado à “reprodução”.

O sexo como predisposição para a reprodução constituiu-se como um potente elemento de cerceamento do corpo e da sexualidade feminina. Foucault (2015) atribui à “hipocrisia de nossas sociedades burguesas”. E claro, não podemos deixar de registrar o grande poder de influência



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

que a igreja obteve nesse processo de “repressão da história da sexualidade” (FOUCAULT, 2015, p. 9). O autor explica que

A conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção; passa-se das teses maciçamente populacionistas da época mercantilista às tentativas de regulação mais finas e bem calculadas [...] forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. (FOUCAULT, 2015, p. 29).

Diante dessas ponderações concordamos com Weeks (2015, p. 40), que os “padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável — um poder historicamente enraizado”. Pensando nisso, é que se faz cada vez mais importante colocar o corpo, a sexualidade e o uso dos prazeres nos debates de cunho político a fim de desconstruir a visão de sexo e de sexualidade “heterocentrada”, conforme Preciado (2014) nos incita a pensar através do seu *Manifesto contrassexual*.

Del Priore (2011) sinaliza que a revolução sexual ocorrida na década de 60, de fato, revolucionou o modo da mulher se relacionar. Este evento dá mais autonomia à mulher que toma as rédeas do seu corpo e conseqüentemente da sua

sexualidade, a contragosto de muitas instituições sociais.

Por outro lado, Antônia Cudéfacho, no interior da Amazônia vivencia uma sexualidade insubmissa e escandaliza a pacata e conservadora sociedade cametaense. A protagonista da ficção e do cotidiano da cidade cultivava uma vida desregrada frente aos padrões morais da época pois era prostituta e dona de um bordel na Vila Japiim (zona periférica da cidade) e também tinha uma venda de comidas e iguarias no mercado. Também possuía uma postura solidária com pessoas que precisavam de algum auxílio. Era uma mulher de grande devoção a Santo Antônio. Assim como, também teve um envolvimento amoroso com um padre holandês que viera catequizar na Amazônia.

Tantos atributos ambíguos e contraditórios permeavam a existência de Antônia levando-a a se enquadrar num “devir-mulher-prostituta”, termo de empréstimo de Deleuze e Guatarri (1997). Ela também se constituiu por várias faces, plurais, permeadas de várias construções discursivas e práticas que se conjugam transgressoras e demarcam resistência. Resistência no sentido de se colocar contrariamente aos pressupostos de moralidade instituídos, no sentido de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

vivenciar a sexualidade insubmissa, mesmo sabendo que lidaria com mecanismos diversos de negação, assim como, a resistência que evocava contra as autoridades de fiscalização da ordem social. Ela expressa as complexidades dessa temporalidade, ao mesmo tempo, seguia e transbordava as redes emaranhadas pelo poder regulatório e pelo saber dos padrões constituídos. Ao fazer uso de um saber referente ao modo de vivenciar a sexualidade, Antônia circundava determinadas teias de poder em meio à sociedade cametaense e construía tramas peculiares e modos de vida avessos aos padrões.

A título de exemplo de desobediência aos códigos normativos, os banhos públicos, prática comum no império romano conforme aponta Del Priore (2011, p. 19), acaba ganhando uma conotação repressiva quanto à manutenção da moral, especialmente por parte dos religiosos, haja vista que se tornou lasciva no decorrer do tempo por favorecer a prostituição. Logo, a autora salienta que essa prática passou a ser reconhecida como “banhos bordéis” em que “as filhas do banho’ ofereciam seus serviços” (p. 19). Antônia Cudéfacho, longe de conhecer essas práticas romanas, também se deleitava nos seus banhos públicos às margens do Tocantins na

escadaria de pedra do Porto Real, seja impulsionada por instinto, seja pela experiência nas artes de sedução. Foi assim que em:

Uma noite de luar Antônia pulou da rede nuona e foi desfilar na rua, virou um cortejo. Gostava de ver os homens e as mulheres, estas, sobretudo pelas fendas e brechas das janelas, lhe observando sem trajes que era assim que gostava de ser, a brisa tocantina acariciando-lhe o corpo todo, massageando de afeição. (LARÊDO, 2006, p. 45).

O corpo de Antônia Cudéfacho ressoava transgressão, incitava o desejo, a cobiça. É a sua sexualidade afagando os espaços públicos e, ambigualmente, a repulsa. O corpo e a própria nudez causam estranhamento e reificam o sexo feminino, pois fomos educados para silenciar a nudez e a sensualidade. E o corpo feminino, por sua vez, é impetuosamente sexualizado. Assim, em meados do século XX, Antônia Cudéfacho, a ribeirinha da “Pérola do Tocantins”, constituía-se e, ao mesmo tempo, afirmava-se enquanto transgressora à normatividade que historicamente recai sobre as mulheres, sobre a sua subjetividade e até mesmo sobre a política do controle dessa subjetividade, do seu corpo e da sua “moral” perante os valores socialmente impostos, como bem pontua Margareth Rago (2013) em A Aventura de



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cidade

contar-se. Nessa perspectiva, Antônia Cudefacho é “parte de uma geração que produziu inúmeros deslocamentos e transformações subjetivas, em busca da definição de novos modos de existência” (RAGO, 2013, p. 66). Arriscamo-nos a dizer que Antônia poderia ser inscrita pela proposição de Beauvoir (2009), assim como, também a partir de Butler (2015), no sentido de que o corpo é instrumento de liberdade e, com isso, o sujeito liberta-se dos pressupostos de colonização do corpo e das normas fixas e padronizadas sobre o comportamento. Não estamos somente diante de uma ordem compulsória que cerceia o sexo, a sexualidade e o gênero, mas que também, promove o cerceamento, a colonização dos corpos em todas as suas vertentes. Antônia Cudefacho, “a puta mais arretada da cidade”, como expressa dona Bibi (março, 2017), subverte os preceitos regidos pelos padrões sociais no que se refere à descolonização do corpo, em especial, o corpo feminino, ao romper com os artifícios simbólicos construídos em torno dos corpos, da nudez e da moralidade.

A experiência no devir-mulher desterritorializa um corpo que se torna nômade, movimenta-se por linhas de fuga e proporciona, por zonas de fronteiras, a insurgência de microfeminilidades. “Ah, parente, mulher é a

cametauara Antônia!” (LAREDO, 2006, p. 39).

#### **4. Movimentos finais**

As tramas vividas por Antônia Cudefacho, bem como a dinâmica estabelecida pelas micropolíticas e suas atuações de resistências evidenciam que esta mulher-personagem diferenciou-se na sociedade cametaense por assumir um protagonismo de cunho subjetivo, mas também, social e político em um período em que esta sociedade configurava-se conservadora e preconceituosa, cenário este em que a figura da mulher, de modo geral, era demasiado cerceada e até estigmatizada quando ousava transpor as barreiras sociais normalizadoras.

Os espaços sociais em Cameté nos idos da década de 50 eram fortemente demarcados, preconceituosos e estigmatizantes social, cultural e economicamente. Sendo assim, os locais de sociabilidade eram regidos pelos valores morais e por meio de uma educação social e moral do tipo disciplinar em que as minorias eram torrencialmente tolhidas e a figura da mulher era constituída por estereótipos determinadores de sua participação na sociedade. Se infringida esta concepção, a mulher era afastada do



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

convívio social. A educação formal perfazia-se regrada e, sistematicamente, dominadora e hegemônica como extensão da educação familiar em que também prevaleciam os bons costumes, a moral e a disciplina social e religiosa.

Frente a essas teias de poder, Antônia Cudéfacho instigou-nos a transgredir, a destituir-nos de antigos territórios ao desterritorializar-se das amarras sociais. Diante disso, a pesquisa contribuiu para o fortalecimento das discussões sobre o protagonismo da mulher vislumbrada por meio de categorias segregadas no decorrer da história e seus espaços de interação social. Uma discussão que se materializou a partir de uma mulher-sujeito que fora fruto da sociedade cametaense e sua irreverente atuação frente às imposições sociais possibilitou problematizar essas configurações para repensarmos o intercurso passado-presente dessa sociedade. Questioná-la, “desarranjá-la, reinventá-la e torná-la plural”. Portanto, seu modo de lidar com as configurações sociais e de poder ensina-nos a sair do conformismo e a lutar pela visibilidade feminina na sociedade, pela liberdade de si, pela apropriação do seu próprio corpo.

### Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet.

2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. MACHADO, Roberto (Org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: RJ, Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Martins fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. Coleção ditos e escritos IV. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a**



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LARÊDO, Salomão. **Antônia Cudéfacho**. Belém – PA: Salomão Larêdo Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Terra dos Romualdos: país dos maparás**. Belém-PA: Salomão Larêdo Editora, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2000.